

COMMENTAIRE COMPOSÉ DE LITTÉRATURE DE LANGUE PORTUGAISE

Commentez, en portugais, le texte suivant :

Prática e escritura: a língua portuguesa

— Pois assim é (disse D. Júlio) que a principal razão por que aprovais os diálogos é porque mais familiarmente se parecem com a prática, desejo saber qual é a mais noble causa: se a prática, se a escritura; porque a mim me parece que à escritura se deve o melhor lugar, e que antes merecia a prática por se parecer com ela; o que agora encontra a vossa opinião.

— Nenhuma dúvida há (respondeu o Doutor) que a prática seja mais noble, mais antiga e mais excelente [...]

— O contrário me parece a mim (replicou o Fidalgo) porque nem por a prática ser mais antiga e primeira que a escritura, é mais perfeita, antes ela foi a perfeição da prática [...]

— Certo (disse Leonardo) que de ambas as partes destes tão boas razões que fica duvidosa a melhoria. Porém concedendo à prática a excelência, a acção, o modo e a graça de falar, que é uma viveza a que se não iguala outra nenhuma semelhança, a escritura tem tantas grandezas que parece igualmente necessária para a vida, pois ficava o mundo às escuras sem a luz da lição escrita, e só na tradição dos homens se salvaria a memória das cousas, e, nas principais, dominaria a ignorância com mero império. Porém, deixando isto por averiguar, pois com tanta galanteria e agudeza está tocado o que baste, quero que passemos adiante e, por me fazerdes mercê, que me ensineis se na prática, em voz, e na escritura considerada, tem bom lugar a nossa língua Portuguesa: porque ouço de má vontade a alguns naturais que tratam mal dela e a condenam por grosseira e limitada.

— Uma cousa vos confessarei eu, senhor Leonardo (disse a isto D. Júlio), que os Portugueses são homens de ruim língua, e que também o mostram em dizerem mal da sua, que, assim na suavidade da pronunção como na gravidade e composição das palavras, é língua excelente. Mas há alguns néscios que não basta que a falem mal, senão que se querem mostrar discretos dizendo mal dela; e o que me vinga de sua ignorância é que eles acreditam a sua opinião, e os que falam bem desacreditam a ela e a eles.

— Bravamente é apaixonado o senhor D. Júlio (acudiu o Doutor) pelas cousas da nossa Pátria, e tem razão, que é dívida que os nobres devem pagar com maior pontualidade à terra que os criou. E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver e acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada como um todo senhoril, para cantar é suave com um certo sentimento que favorece a música; para pregar é substanciosa, com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronunção não obriga a ferir o céu da boca com aspereza, nem a arrancar as palavras com veemência do gargalo. Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronunção da Latina, a origem da Grega, a familiaridade da Castelhana, a brandura da Francesa, a elegância da Italiana. Tem mais adágios e sentenças que todas as vulgares, em fé de sua antiguidade. E se à língua Hebreia, pela honestidade das palavras, chamaram santa, certo que não sei eu outra que tanto fuja de palavras claras em matéria descomposta quanto a nossa. E, para que diga tudo, só um mal tem: e é que, pelo pouco que lhe querem seus naturais, a trazem mais remendada que capa de pedinte.

Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na aldeia*, Lisboa,
Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses,
1990 [1619], pp. 83-85.